



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros).	48000
OITO MEZES (até ao fim de 1895)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
TRIMESTRE (13 numeros)	13000
NUMERO AVULSO.	1500

Livre de porte para todos os paizes da União Postal.

As assignaturas, cujo pagamento será adiantado, começarão em trimestre regular.

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 5 de Dezembro de 1895

N. 31

## A CIGARRA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura que a Empresa da *Cigarra*, para satisfazer justas reclamações, resolveu alterar a partir d'este numero.



A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.



- A estas horas!  
 - O Juca instou tanto que fui com elle ver a Carmen  
 - A Carmen!? Rua do Riachuelo, hein? Iratantes!



Que vos poderei eu dizer deste que me vae n'alma, inimitado espanto, pasmo jámais excedido? Notae bem que não é só o extraordinario do facto em si o que ora me põe para aqui de bocca aberta e de olhos arregalados e surpresos. Não é o extraordinario do facto em si, nem em dó. Uma grande parte, porventura a maior, do meu pasmo, vem da indiferença com que tamanha descoberta passou, caminho do Eterno Olvido e do Nada. Nenhuma palavra, nenhuma simples referencia elogiosa, nem ao menos um insignificante a pedido... Absoluto silencio! O Sr. Furquim Werneck deve ter um grande numero de adversarios para que assim lhe abafem, no nascedouro, a reclame e o encómio que a outras menores cousas sóe a imprensa prodigalizar.

De tamanha injustiça me não ha de accusar a Historia. Aqui eston eu, penna ao serviço das Grandes Idéas e das Sagradas Cousas da Humanidade, eu que me não recuso a prestar embora não toda a devida, mas pelo menos, toda a possivel homenagem á sapiencia com que o Sr. prefeito Werneck se propõe debellar o deficit municipal.

Onde a razão do meu pasmo?

N'uma, á primeira vista, insignificante local; nesta entrelinhada local da *Noticia*:

« Com o intuito de augmentar a renda municipal, sa beimos que a Prefeitura pretende em Janeiro vindouro adquirir do concessionario Sr. Camillo da Silva Lima a propriedade de todos os kiosques existentes nesta Capital.»

A *Noticia* é um jornal serio; isso exclue portanto a hypothese de que seja pilheria a noticia.

Pensar a gente que já cincoenta gerações de Leroy-Beaulien e de Oiticicas se empenharam, uma após outra na solução do magno problema — abarrotar de recursos a caixa forte dos governos quebrados. Com que esforço se não atiraram á tarefa! Annos decorriam; iam-se-lhe derretendo as banhas, foram-se-lhe os cabellos embranquecendo ou cahindo — a quantos não veiu uma prematura calvie de deixar de calva á mostra! — vergou-se-lhes o corpo, ao peso da curiosidade com que todo o Universo lhes seguia o trabalho insano de conseguir um prompto-allivio para o deficit...

Tudo em pura perda, debalde, á toa.

E entretanto, tão perto estava a solução! Eis que a Prefeitura a descobre, sem esforço, sem forceps, sem fadiga. O remedio era a exploração dos kiosques da Capital Federal.

Embora seja o Sr. Furquim Werneck o primeiro a lançar mão dos kiosques para os transformar em fonte de renda devo contudo declarar que já n'uma administração passada, o Sr. Valladares não deixava passar kiosque incolume.

Applaudo a medida. Mas, agora, diga-me a Prefeitura como diabo pretende pôr a sua idéa em acção.

Que me pareça, ha um meio unico, para tirar dos kiosques toda a renda que elles ainda podem dar—é não afugentar a freguezia. Ella está habituada a café, pão e queijo, jornaes, bilhetes de loteria. Dê-lhes tudo isso o Sr. Werneck. E á testa de cada kiosque ponha um empregado das repartições municipaes.

Tudo isso feito e funcionando tudo, haverá apenas que lamentar o destino dos empregados da Intendencia — condemnado cada um a ganhar o seu pão com o seu kiosque.

Viram já uma pequenita, descalça e trefega, que esmola no Café do Rio?

Tem sete annos. Um corrosivo qualquer deu-lhe aos olhos alegres o fundo sulco vermelho e magoado de olhos que se não cansam de chorar. Chega e pede assim, com a voz em pranto — «Esmola para mamãe!» Vela-lhe o corpo um esfarrapado vestido de chita negro. Tudo nella, á primeira inspecção, é miseravel e é pobre; e, a tanta miseria, homens compassivos estendem-lhe nickeis que ella corre a levar á porta, a uma pessoa que se não vê.

Falso, tudo isso! Neguem-lhe a esmola e olhem-n'a sempre, não lhe percam o minimo gesto, a minima contracção. O seu primeiro movimento, logo que lhe recusam o que implora, é como o de quem atira para longe uma pesada mascara que lhe custava a conservar e que não é mais precisa. Os olhos rebrilham, ao centro dos sulcos que o corrosivo abriu; o ar miseravel desaparece, o que lhe fica no rosto é apenas o ar expansivo de uma criança traquinas — alegre, sadia e forte. E salta para outra mesa, e ahi, compungida e humilde estende a mão.

..

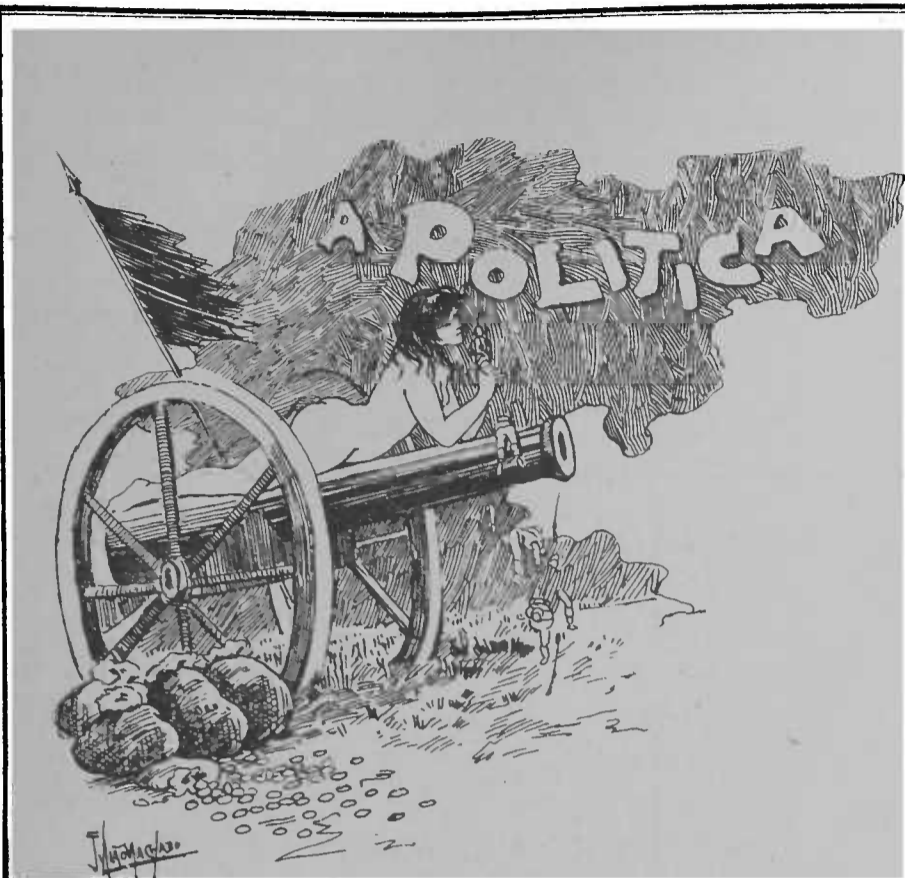
Desta columna partiu já, por vezes, o protesto de Fantasio contra essa ignobil e torpe exploração de crianças. A' toa! a policia tem cousas mais sérias a que dedicar a sua inactividade. Não serei eu quem ainda lhe venha pedir um pouco de attenção para o caso. Registro-o, nada mais; — o que aliás me não impede de deplorar que ella ostente uma tão errada comprehensão do seu dever.

Pierrot.

A carta d'um amigo previne-nos d'esta perfidia: — corre em Lisboa que o desenhista da *Cigarra* está fazendo rios de dinheiro.

Ora, isto vem, talvez, do proprietario da *Cigarra* se chamar Ribeiro.

— O' ingenuos!..



Hontem, na Camara. Esquecido, atraz de uma columna, enquanto, fóra, todos os continuos o procuram para lhe entregar o seu chapéo, um deputado, tristonho, monólogo :

Ah! Godoy! Ah! Thomaz! Ah! Coelho Lisboa!  
Vamo-nos separar a vinte de Dezembro!  
Com que amarga paixão, com que ancia me não lembro  
De que quatro já são do mez... E o tempo vóa!

Mais um anno e terei concluido o mandato...  
Não me chamarão mais deputado e excellencia,  
E terei de ir passear, baldo de toda a influencia,  
E—quem sabe?—farão de mim gato-sapato.

Mais um anno... Depois, quem fará com que eu venha?  
Quem me poderá dar votos republicanos?  
Ah! quem me déra ser senador por nove annos  
Ou diplomata então, no logar do Lamenha!

Não me comprometti com palavras aereas,  
Não fallei para não pôr o governo abaixo,  
E na situação dolorosa em que me acho  
Nem me quizeram dar emprego para as férias!

Cupertino, Gaspar Drummond, Timotheo, Ovidio,  
José Carlos, a quem eu applaudia out'ora,  
Imaginae o meu pezar por ir embora,  
Sem recursos, sem ter emprego, sem subsidio!

O Glycerio ha de vir, ha de o José Mariano  
Voltar, ha de voltar a bancada mineira,  
E, entre tantos, eu só perco a minha cadeira  
E deputado sou apenas per um anno!

Ouvem-se-lhe soluços. Escurece. Fóra, garotos apre-  
goam a *Noticia*.

*Marcial*



## CONTOS INGENUOS

### A SÉRIE B.

(A JULIÃO MACHADO)

Foi um tanto temerosa que ella se dirigiu para o consultorio do Dr. Innocencio Velloso, clinico já meio entrado em annos, recommendado como especialista de senhoras, muito consciencioso, muito serio, pouco exigente nas suas contas.

Não sabia que diabo lhe havia de dizer; não sentia dôres, não se suppunha doente. Sentia-se apenas muito fraca. o corpo esfalfado, como se houvesse levado uma sova.

Quando falou do incommodo a uma vizinha, sacudida rapariga de trintã annos, morena de truz, que vivia, sem a benção do padre, com um empregado do commercio, esta sorriu maliciosamente e respondeu:

— Vocês estão abusando...

E, tomando um ar grave, disse-lhe que era bom ir ver um medico, que com a saude não se brinca e recommendou-lhe o Dr. Velloso, que já a tratara, ha tempos.

Rosinha seguiu o conselho. Durante a ausencia do marido, sem que o tivesse avisado para o não sobresaltar sahiu de casa, e lá foi consultar o delicado especialista.

Não era longe. Subiu, entrou e lá ficou á espera de que o doutor a interrogasse.

O Dr. Velloso percebeu-lhe um certo embaraço e tratou de lhe dar animo.

— Queira dizer, minha senhora...

— Eu... mesmo—titubeava, empallescencia—eu não sei como lhe explique... Só lhe posso dizer que me sinto muito... muito fatigada. Parece assim... uma pessoa... que não dorme...

— Vamos ver isso. Deixe-me examinar os olhos...

Hum!... Hum!... A senhora é casada?

— Sim, Sr. doutor,

— Ha muito tempo?

— Uns sete mezes.

— Que idade tem seu marido?

— Vinte e cinco annos.

— Hum!... hum!... é rapaz sadio... forte?

— Muito forte... muito córado... e bonito.

— Admirável ingenuidade! resmungou o medico.

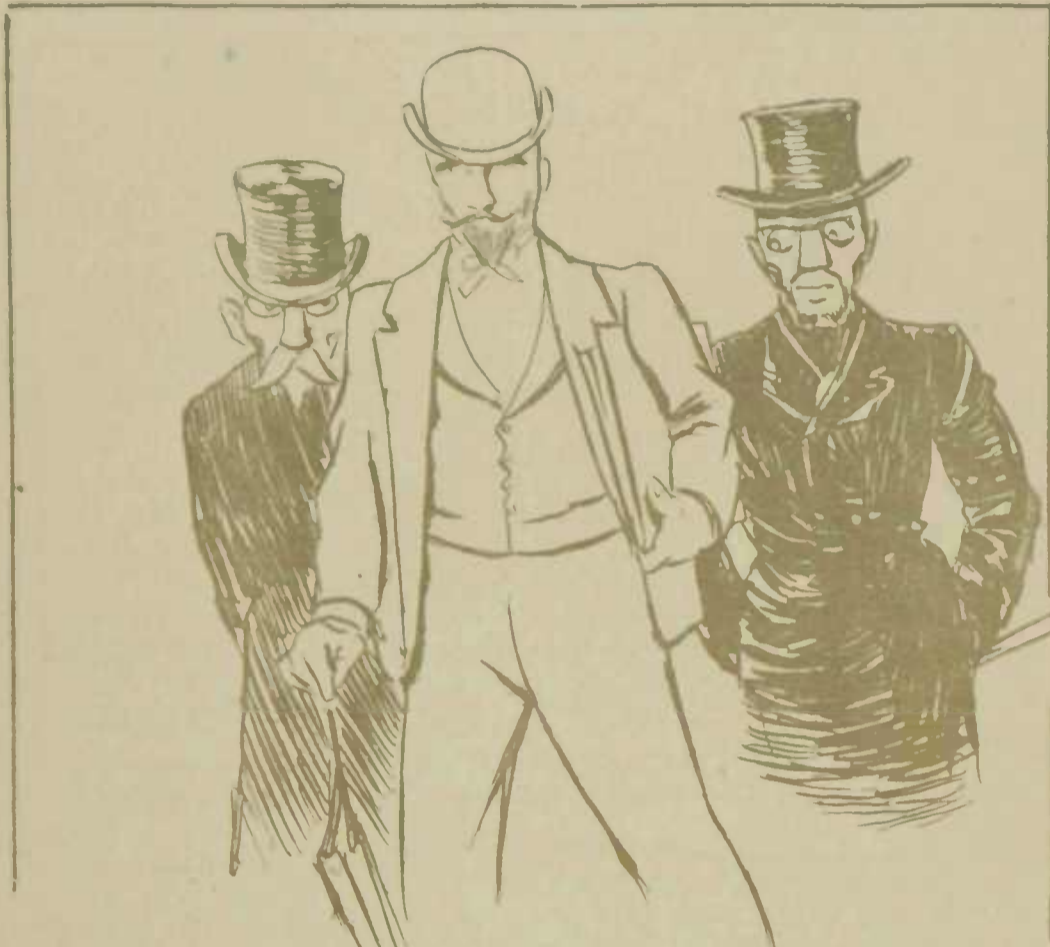
E a senhora que idade tem?

— Vinte e um, incompletos.

— Estes olhos são graves accusadores... Olhe, eu devo ser franco. Desculpe-me, se lhe fizer alguma pergunta indiscreta: Queira responder-me... Seu marido é exigente?

— Exigente... em que?

— Diabo! diabo! o interrogatorio vai ser difficil. Minha senhora... é necessario deixar de lado certas ceremonias. Já sou um velho, poderia ser seu pae. Faça de conta que é o seu pae que lhe está fallando. O que lhe pergunto é isto:—Seu marido abusa dos seus direitos?...



Consta-nos que o projecto do illustre deputado consiste nisto: seis meses antes das eleições o votante será estreitamente acompanhado por dois 'agentes da policia secreta' que zelarão dia e noite, para evitar que a corrupção o toque;



que não lhe permitirão longos colloquios com damas por ser evidente que as damas são hoje o meio mais efficaz de que a corrupção usa para se propagar.



que fiscalizarão a sua correspondencia o mais rigorosamente possível inutilizando as cartas que lhe chegarem perjurdadas (ha perfumes que perturbam!)



Dois meses depois, isto é, quatro antes do grande dia - o votante será convidado a entrar numa cellula da Detenção onde vivrã incomunicavel. Apenas lhe será consentido um instrumento de musica, se tocá ou não, se o instrumento por elle cultivado for o cu

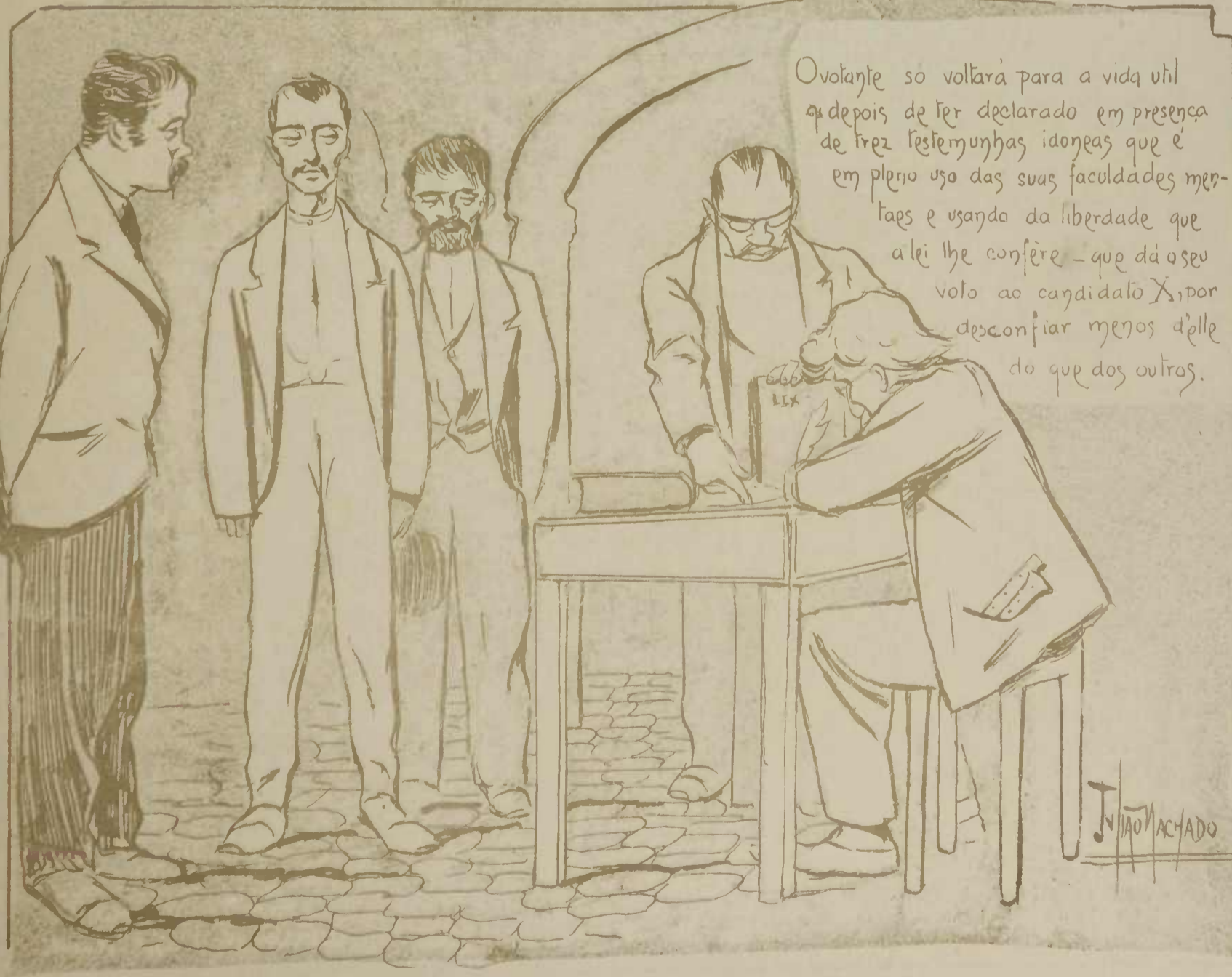
# O VOTO

« Foi hontém julgado objecto de deliberação, na camara dos deputados o importante projecto apresentado pelo Sr. Nilo Peçanha n'uma das ultimas sessões, e que obdece ao patriótico empenho de cercar o voto das mais seguras garantias contra a fraude ».

(O Pais, 3 de Dezembro)



que evitarão a todo o transe que beba o menor coq-tail ou qualquer liquido alcoolico, por ser o alcool propicio aos desvios da razão e da consciencia



O votante so voltará para a vida util q depois de ter declarado em presenca de trez testemunhas idoneas que e em pleno uso das suas faculdades mentaes e usando da liberdade que a lei lhe confere - que dá o seu voto ao candidato X, por desconfiar menos d'elle do que dos outros.

J. MACHADO

— III

— Não posso usar de termos mais recatados. Queira responder-me. Seu marido insiste no cumprimento dos seus deveres ou ambos...

— Sr. doutor!

— Então é elle que.

— Não lhe atire... toda a culpa!

— Ah! está explicado o caso. Ambos moços, ambos sadios... pensam que o mundo vai acabar... Não acaba. não; ainda... falta ainda muito tempo! E' preciso moderar esta... Compreende-me, não é?

— Mas... que é que eu tenho?

— Nada de grave, por enquanto. Não se alegre muito; as consequências podem ainda ser muito sérias, se não seguir o conselho que lhe vou dar... Um conselho, sim. Olhe, continue a ser uma esposa docil, obediente, carinhosa, mas não satisfaça todos os... Que diabo! não satisfaça todos os caprichos de seu marido. Dieta, rigorosa dieta, é de que a senhora precisa. Dieta de beijos e de caricias. De hoje em diante, divida as suas noites em duas séries: a série A e serie B.

Na primeira consinta em tudo.. Na segunda imponha uma certa privação ao seu esposo. Está nas suas mãos e é o melhor remedio para o seu estado. E' quanto lhe tenho a dizer. Lembre-se bem, série A e série B. N'uma, tudo; n'outra, nada! Se quizer, venha cá, d'aqui a um mez, para me trazer noticias do resultado.

\*\*

N'uma tarde de domingo passeava o Dr. Innocencio Velloso no Jardim Botânico, quando se encontrou face a face com a Rosinha pelo braço do marido.

Os dois estavam muito corados; riam-se como uns doidos...

— Bons olhos a vejam, exclamou o medico. Nunca mais me appareceu, já lá se vão cinco mezes... Como vai?

— Um pouco melhor.

— Seguiu o meu tratamento?...

— Pois sim! respondeu a Rosinha com uma enorme gargalhada, é excellente!

— Não lhe disse...

A endiabrada rapariga, não so poude conter, e com uma nova gargalhada acrescentou:

— Excelente! O diabo, Sr. doutor, é que, todas as vezes que nós queriamos ficar na série B... Não sei como... acabavamos na série A.

A. GASPARONI.

## STANCIAS D'UM LOUÇO

I

Recordo-me de ti, mal as palpebras cerro.  
Mal as palpebras cerro, a tua Imagem vejo;  
e surges, como outr'ora, em fulgido lampejo.

II

(Quem me arranca do pulso estes grilhões de ferro,  
estes grilhões de ferro, estes grilhões pesados,  
ac muro da prisão desde muito chumbados?!..

III

Tudo, em torno de mim, é Solidão e Treva!  
E' Solidão e Treva a masmorra onde vivo  
— miseravel galé! pobre negro captivo!

IV

A brisa para longe os meus soluços leva...  
Os meus soluços leva a brisa para longe...  
Soluços de Tristeza... agonias de Monge...

V

Já não existe Sol... O Mundo está vasio...  
O Mundo está vasio... A Noite sempre dura...  
Noite de Mansoléo... Noite de Sepultura...

VI

A Noite... a Escuridão... Néva... géla... faz frio...  
Néva .. géla... faz frio... Inverno frio e forte...  
... E' da Velhice o Inverno!... E' o frio da Morte...

*Figueiredo Simentel.*

## FLOR E FRUCTO

CANÇONETA

(MUSICA DE ABDON MILANEZ)

I

Foi Rosa o nome encantador  
Que me quiz dar o meu padrinho  
Justo é que para a mesma flôr  
Eu tenha extremos de carinho.  
Não ha quem d'isto idéa faça.  
Já é loucura verdadeira!  
Fatal paixão! Minha desgraça  
Nasceu no pé de uma roseira!  
Como a rosa em botão  
Eu tinha o coração,  
Annunciando a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Não conhecia o amor!

II

Mas, ai! a quadra virginal  
Não é de eterna florescencia ...  
Que succedeu? era fatal!  
A flôr abriu-se da innocencia.  
E ao mesmo tempo em que na vida  
Meu coração garboso entrava,  
Da bella planta estremecida  
Eis que o botão desabrochava!  
Tive no meu jardim  
E bem dentro de mim  
Alma e roseira em flôr,  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Já conhecia o amor!

## III

Um pequenote vivo, audaz,  
Um dia assim me disse: O' Rosa,  
De te roubar eu sou capaz  
Na tua planta mais mimosa l...  
Logo depois eu reprehendia  
O rapazola cabisbaixo:  
— Colher a rosa poderia  
Sem a roseira pôr a baixo!  
O certo é que, afinal,  
D'ahi não veio mal  
P'ra mim nem para a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Assim, tudo era amor!

## IV

Porém de flôr, como de pão,  
Não vive n'este mundo a gente,  
E que do fructo ha precisão  
Vim a saber praticamente.  
O rapazola apaixonado  
Mais do que flôr p'ra mim não era.  
Foi, pois, em breve despachado  
Eu tinha o fructo á minha espera!  
E' bello respirar,  
A flôr; beijar, gozar  
Porém não basta a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
Não é só isso o amor!

## V

Do amor submissa á dura lei,  
Por superior necessidade,  
Um bello dia desposei  
Certo doutor de meia idade.  
De minha mãe eu tinha ouvido  
Este conselho que é seguro:  
— Olha, pequena, que um marido  
Só sabe estando bem maduro!  
Buscar devemos, pois,  
N'uma união de dois,  
O fructo mais que a flôr.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
— Sem fructo, adeus, amor!

## VI

— Mas a roseira? perguntaes,  
O caso seu que significa?  
— Da mocidade n'ella achais  
Comparação que tudo explica.  
Então? mais devo pôr na carta?  
Para o homem, como para o bruto,  
A vida é bella, a vida é farta,  
Quando ha na vida a flor e o fructo!  
Amar! amar! viver!  
E tudo está em ter  
Do fructo ao lado, a flor.  
Bem se vê,  
Sim, porque  
E' flor e fructo o amor.

Figueiredo Coimbra.

Os senhores tachygraphos do Congresso tem a mania de escrever em vez de:

— O Sr. X diz um áparte.

— O Sr. X dá um áparte.

Que grande cuidado na revisão para evitar esta bomba que a menor virgula pôde fazer estoirar:

— O Sr. X dá um, áparte.

## VIDA NOCTURNA

O acontecimento theatral mais importante d'estes ultimos dias foi o naufragio do *Urano*.

O Juca Florista sahio-nos o rei dos empresarios da America! Todos os generos de *réclame* estavam esgotados. Elle, sem olhar a sacrificios, lembrou-se de arranjar um naufragio e o conseguiu!

Vão ver agroa que enchente apanham os passageiros do *Urano*!

\*\*

Consta-nos que o intelligente empresario encommendou já uma revista que no final do 2º acto reproduzirá fielmente a scena do naufragio, representada pelos proprios naufragos.

\*

\*\*

No Eden-Lavradio tivemos a *Rainha* dos genios Vicente Reis e Azeredo Coutinho.

E' uma peça a que ha de acontecer o mesmo que aos bons cavallos: fazer uma bonita carreira por estar bem montada.

No desempenho dos papeis distingue-se um filho do empresario. Pae e filho são tambem dois genios.

\*

\*\*

A companhia Souza Bastos deu no Recreio Dramatico o seu ultimo spectaculo, e lá foi deliciar S. Paulo com os numerosos *Tin-tins* do seu repertorio. Parabens ao adiantado Estado.

\*

\*\*

Para commemorar o 255º anniversario da Restauração de Portugal, a companhia dramatica do S. Pedro representou os *Dous proscriptos*. Não consta que o Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro protestasse em nome de seu governo.

Não sei para que servem os agentes diplomaticos.

\*

\*\*

A companhia lyrica está dando os ultimos spectaculos (iamos dizer *arrancos*.) Aproveitem, meus senhores, aproveitem, porque tão cedo não teremos outra. Já não ha doidos que se mettam a empresarios de opera no Rio de Janeiro. Demais, o cambio não parece disposto a abandonar o popular estribilho: Commigo é nove..

Sabemos de fonte insuspeita que o Sr. Sansone estava no firme proposito de suicidar-se; teve, porém, a franqueza, ou a franqueza, como quizerem, de communicar a sua triste resolução a alguns amigos, e estes o dissuadiram de fazer essa asneira.

D'esta vez a estação lyrica terminará sem derramamento de sangue. Antes assim.

JOÃO PILOTO.



A *Carmen* foi cantada no Lyrico pela companhia Sansone com o brilho que era de esperar. A Sra. Sertori deu-nos uma *Carmen* um tanto... *ancha* — mas muito característica, concordemos! Os mestres da critica abstiveram-se de ofuscar o publico com a sua erudição, o que faz suspeitar que estão d'accordo sobre os *ds*, os *sis* e os *lds* do tenor e sobre o modo como o barytono cita o boi. No fim a *Carmen* é assassinada—e tão magistralmente que um hespanhol das galerias gritou em favor do tenor: *que se lá dê!*